

Carneiro, candidato do Prona

Brasília — Wilson Pedrosa

*Médico prova
que é fácil ser
presenciável*

BRASÍLIA — Pouco interessado em carnaval e estando em casa sem ter o que fazer, em fevereiro deste ano, o médico cardiologista Enéas Ferreira Carneiro, 50 anos, leu num jornal que o representante de partido provisório que quisesse disputar a sucessão do presidente Sarney teria direito a 30 segundos diários na televisão. “Mas que coisa! Quer dizer que, mesmo sem ter um partido organizado, é possível disputar o Palácio do Planalto?” — admirou-se, antes de pegar o telefone e perguntar a 11 amigos se eles concordavam em fundar um partido provisório para lançá-lo na corrida sucessória.

Professor há 14 anos de um curso particular de eletrocardiograma, por onde já passaram quase 10 mil alunos, ele entendeu que somando esse número com os 20 mil estudantes para quem lecionou em cursos de nível médio, já entraria na corrida presidencial com uma esperança de 30 mil votos. Decidido a não se coligar “com ninguém e a não correr atrás de nenhum partido”, Enéas Carneiro conseguiu, com seus amigos, arrecadar assinaturas de 112 pessoas para o manifesto de uma legenda que ganhou o nome de Prona — Partido de Reedificação da Ordem Nacional.

Por telefone, sem precisar afastar-se um só dia do Rio de Janeiro, ele organizou 14 diretórios regionais para o Prona, fazendo ainda diretórios municipais em 110 cidades do país. Dia 29 de junho, o Tribunal Superior Eleitoral deu o registro provisório ao partido, fundado também com o propósito de “restaurar a autoridade em todos os níveis de ação pública e, com ela, a responsabilidade”. Há quatro dias, numa convenção realizada na sede da Academia Brasileira de Letras, o car-



Carneiro diz ser dotado de “palavra forte”

diologista Enéas Carneiro, também formado em Física e estudioso de Biologia, Química, Matemática e Português, foi homologado candidato à Presidência da República.

Segundo o líder do PMDB na Câmara, Ibsen Pinheiro, o representante do Prona simboliza tudo o que uma lei eleitoral não pode permitir: a extrema facilidade para que um partido sem nenhuma representatividade lance candidato à sucessão presidencial, apenas porque um cidadão entende que é capaz de restabelecer a ordem no país. E Enéas Carneiro pensa exatamente isso: “Não acredito em nenhum dos partidos que estão aí, por tudo que se lê, que se vê e que se ouve. Após 30 anos de observação do quadro nacional, fui obrigado a dizer: não aguento mais”.

A quatro meses da eleição, ele ainda não sabe como será sua campanha, não planejou ainda qualquer viagem pelo país nem imagina quando fará um comício. “Comício? Por que um candida-

to tem de fazer comício? Não sou um político convencional. E num universo de 80 milhões de eleitores, é muito difícil dizer agora onde vou aparecer em campanha” — dizia ontem o candidato do Prona, num tom de voz que chegava a ecoar pelos corredores do TSE. Com direito a 30 segundos diários para sua propaganda pelo rádio e a televisão, Enéas Carneiro já afastou também a idéia de somar o tempo para ter três minutos e meio por semana.

“Esses 30 segundos foram dados para evitar que quem nunca participou de política pudesse tentar. Acontece que o Congresso esqueceu que há pessoas com palavra forte” — diz o cardiologista, sempre exaltado, para concluir: “Quando se tem e se sabe o que dizer, 30 segundos é tempo suficiente”. Ele lembra que John Kennedy, quando candidato, comprou 48 programas de cinco minutos na televisão, e se elegeu. Com 30 segundos diários, o representante do Prona quer fazer o mesmo.